

Intenções, Regras e Atitudes na Estética de Wittgenstein

Alberto Arruda

A ideia de ‘consequência’ ocupa um espaço considerável nas reflexões de Wittgenstein em *Da certeza*. No parágrafo 142 Wittgenstein faz a afirmação: “Não são axiomas isolados que me elucidam, mas um sistema em que as conclusões e as premissas se apoiam mutuamente.”¹ Nesta afirmação Wittgenstein faz depender da prática parte do significado de uma ‘regra’, afirmando desta forma que a prática não é apenas ‘fazer como está na regra’, contribuindo para a identidade de uma ‘regra’ em particular (esta afirmação é importante para alguns ‘jogos de linguagem’ não sendo muito importante para outros). Esta ideia torna-se mais clara no parágrafo 139, onde Wittgenstein faz a seguinte afirmação “As nossas regras deixam portas das traseiras abertas, e a prática tem de falar por si mesma”². As “portas das traseiras” descritas nesta afirmação estão directamente ligadas com o paradoxo do parágrafo 201 das *Investigações Filosóficas*, e são em certa medida a ‘porta de entrada’ para as modificações. O papel da prática é precisamente o de tornar um ‘uso’ de uma ‘regra’ em particular o ‘correcto’ (como por exemplo nos testes de inteligência onde é frequente pedir-se para completar uma série numérica. Embora aritmeticamente a resposta correcta para qualquer série seja infinita, sabemos através da prática que só há uma resposta correcta). A noção de ‘consequência’ volta a estar presente na afirmação de que a prática “teria de falar por si”, sendo que as consequências determinam em grande parte o significado de uma acção e representam o ‘ponto de contacto’ com a parte do uso dos nossos conceitos que é normativo e que faz com que sejamos capazes de perceber o significado nas palavras uns dos outros sem para isso precisarmos de fazer muito esforço (como no exemplo do velho). Wittgenstein reflecte sobre este problema no parágrafo 397, quando se questiona se terá errado no seu

¹ *Da certeza*, §142

² *Da certeza*, §139

argumento contra Moore. A razão que leva Wittgenstein a ter dúvidas é precisamente o facto de ser capaz de tirar ‘consequências’ das palavras de Moore.³ Dois parágrafos abaixo Wittgenstein volta a perguntar “Mas, não mostra o facto de eu tirar consequências apenas que eu aceito a hipótese?”⁴. Wittgenstein sugere novamente nesta pergunta uma ligação entre ‘tirar consequências’ de uma determinada frase e ‘aceitar’ ou ‘entender’ uma determinada frase. No caso de *Da Certeza*, o ‘jogo’ descrito por Wittgenstein funciona com proposições empíricas e afirmações acerca de estados de conhecimento, fazendo parte deste jogo aceitar ou não uma determinada hipótese. No entanto, julgo que no caso do ‘jogo’ da estética este procedimento é diferente. Não faz necessariamente parte do ‘jogo’ da estética que eu tire imediatamente ‘consequências’. Com isto, não estou de forma alguma a sugerir que exista uma situação em que as coisas querem dizer ‘nada’ (No caso das artes plásticas as coisas podem querer dizer algo como “Gosto daquele amarelo ali ao fundo!”). Ainda assim, quando falamos de ‘bom’, ‘mau’ ou ‘original’, nenhum destes conceitos tem de aparecer como ‘consequência’ imediata de uma ‘jogada’ deste jogo em particular⁵. Faz parte de muitos ‘jogos de linguagem’ que a prática ‘feche’ as ‘portas das traseiras’ deixadas abertas pelas regras, mas no caso da estética isso não se verifica. No parágrafo 593 de *Da certeza* Wittgenstein faz uma observação que está directamente relacionada com o que pretendo dizer. Na primeira parte do parágrafo afirma “Mesmo quando se pode substituir «Eu sei, que isto é assim» por «isto é assim», não se pode substituir a negação de uma frase pela negação da outra.” (Por “Eu sei” devemos aqui entender o “sistema de proposições” mencionado no parágrafo 141.)⁶ Nesta primeira parte do parágrafo, Wittgenstein estabelece uma relação entre as ‘regras’ que formam o ‘sistema de proposições’ ou a ‘mitologia’ em que consiste o nosso conhecimento e a identificação de alguma coisa. No entanto, adverte para o facto de não se seguir “Isto não é” de “Eu não sei, ...”. Na segunda parte do parágrafo Wittgenstein faz a seguinte observação

³ “Não mostro eu que o sei, por tirar sempre consequências do que é dito?”, *Da certeza*, §397

⁴ *Da certeza*, §399

⁵ A distinção que Wittgenstein pretende fazer nas Aulas sobre estética entre “alguém com critério” e “alguém diz maravilhoso!” está directamente ligada com a ideia de tirar ‘consequências’ como a estou a utilizar aqui.

⁶ “Quando começamos a acreditar em alguma coisa, não é numa única proposição que começamos por acreditar, mas num sistema completo de proposições. (Faz-se luz gradualmente sobre o todo)”, *Da certeza*, §141

“Com »Eu não sei,...« um novo elemento entra nos nossos jogos de linguagem.” Julgo que aquilo que Wittgenstein considera um ‘novo elemento’ nesta afirmação, faz parte do ‘jogo’ da estética. Ou seja, no caso da estética pode haver um elemento que desconhecemos e esse elemento é apenas qualquer coisa como “não saber de que maneira tais e tais regras estão a ser usadas”, ou “para que propósito”; dado que perdemos o conforto da regularidade (ou seja, aqui deixamos de olhar apenas para a ‘ordem que a regra dá’)⁷. Mas este desconhecimento faz parte do jogo (e isto é um ponto importante), não se trata de um mistério que temos de resolver.

A razão pela qual não se trata de um mistério, que por assim dizer, tem uma ‘chave’ que temos de encontrar, está relacionado com o facto de não haver nenhuma ‘chave’ que se possa descobrir (ou tenha que encontrar). Nas Aulas sobre estética Wittgenstein dá o seguinte exemplo que esclarece este ponto em particular: “Existem casos em que damos a razão de ter feito uma coisa. «Porque é que escreveu 6249 debaixo do traço?» Damos a multiplicação que fizemos. «Cheguei aqui através desta multiplicação.» Isto é comparável ao dar de um mecanismo. Poderíamos chamar-lhe alegação de um motivo para escrever os números. Significa que passei por um determinado processo de raciocínio. Aqui ‘Como é que fez?’ significa ‘Como é que chegou aí?’ Damos uma razão, o caminho que seguimos”⁸ Em primeiro lugar é necessário esclarecer a analogia estabelecida por Wittgenstein entre este caso e um mecanismo. Wittgenstein está através desta analogia a realçar o facto de um “determinado processo de raciocínio”, que neste caso é uma multiplicação, só fazer sentido quando há necessariamente um único resultado (ou dito de outra forma: esse mecanismo em particular produz uma resposta em particular; e não pode ser outra). Wittgenstein não está aqui a afirmar que exista um qualquer

⁷ “ «Para nós uma série tem um rosto!» – Com certeza, mas qual? Bem, o da fórmula algébrica e o do segmento inicial já calculado. Ou tem ainda mais algum? - «Mas naquele rosto já está tudo!» – Mas isso não é uma constatação acerca do segmento da série ou acerca dos dados da percepção visual que temos dela; é apenas expressão do facto de que olhamos para a ordem que a regra dá e executamos, sem apelar a qualquer outra instância”, *Investigações Filosóficas*, §228

⁸ Aulas sobre estética, III, §13

'mecanismo mental' chamado 'multiplicação'⁹. O parágrafo começa com "Existem casos em que damos a razão de ter feito uma coisa"¹⁰, que nos dá a entender que o que se segue é um comentário acerca de um tipo particular de justificação (A nota de rodapé de Rush Rhees ao mesmo parágrafo esclarece em parte a possível confusão, Rhees diz: "Existe aqui uma coisa que pode ser comparada com o conhecimento de um mecanismo"¹¹ e uma coisa que pode ser comparada não é "a coisa"). A implicação a tirar deste exemplo é muito importante para entender o argumento de Wittgenstein acerca da estética. Nos Comentários sobre os Fundamentos da Matemática, Wittgenstein trata um problema que está directamente relacionado com o que pretende realçar neste parágrafo. A passagem é a seguinte: "Now I am said to have multiplied when I have carried out the multiplication 265 x 463, and also when I say: "twice four is eight", although here no calculating procedure led to the product (which, however, I could also have worked out). And so we also say a conclusion is drawn, where it is not calculated."¹² O aspecto mais importante deste comentário é aquilo que Wittgenstein caracteriza como tirar uma conclusão. No caso da multiplicação o critério é um resultado em particular (esse e não outro), que faz com que o processo seja necessário apenas em alguns casos. Ou seja, no caso de uma multiplicação, "o caminho que seguimos"¹³ pode ser relevante quando nos for perguntado como chegamos aquela resposta (mas dependendo da situação, poderíamos por exemplo decorar todas as respostas). A multiplicação é a razão do nosso resultado (no sentido de o constituir) e não é uma justificação (no sentido de uma possível explicação, pois não pode haver outra) do nosso resultado; o caso da multiplicação é análogo ao seguinte: "«But isn't there a truth corresponding to logical inference? Isn't it true that this follows from that?» - The proposition: «It is true that this follows from that» means simply: this follows from that."¹⁴ A consequência a tirar deste exemplo é que "razão não quer sempre dizer o mesmo"¹⁵, e no

⁹ P.M.S. Hacker e G.P. Baker mencionam este problema em particular no seu comentário acerca do §189 das Investigações Filosóficas: "The formula determines the steps, only if there is 'a normal pattern of response'." , Rules, Grammar and Necessity, 107

¹⁰ Ibid.

¹¹ Nota de rodapé ao §13, III, Aulas sobre estética

¹² Grundlagen der Mathematik, §7, 6e

¹³ Aulas sobre estética, III, §13

¹⁴ Grundlagen der Mathematik, §5, 4e

¹⁵ Esta frase aparece na nota de rodapé de Rush Rhees ao §16 da parte III

caso da estética não quer dizer nada de parecido com o caso da multiplicação. Em estética, o significado de razão que usamos não é como diz Wittgenstein “um relatório do que foi feito”.¹⁶ Não sendo análogo a um relatório, segue-se que pode ser várias coisas e Wittgenstein dá alguns exemplos: “Poderia ter seguido este caminho”¹⁷ ou dar um processo “ainda que não tenha seguido esse processo”¹⁸. Numa nota de rodapé ao mesmo parágrafo Rush Rhees descreve aquilo que se poderia chamar uma razão em estética, “pode ser aquilo que agora percebemos o justifique”¹⁹. O ‘agora’ na frase de Rush Rhees é muito importante e antevê uma determinada postura em relação ao conceito de intenção nas Aulas sobre estética. O ‘agora’ de Rhees sugere em parte que a explicação ou a razão para uma determinada acção em estética pode mudar, no caso da multiplicação esta hipótese é absurda (no caso de uma multiplicação o resultado e o cálculo não se completam: isto será explicado mais à frente [exemplo do triângulo]).

A importância do conceito de intenção como algo que pode resolver o problema de conhecer um determinado uso é posto nas Aulas sobre estética em questão. Wittgenstein constrói um exemplo em que o seu aluno Taylor e o próprio Wittgenstein passeiam ao longo do rio. Quando Taylor estica a sua mão empurra Wittgenstein para dentro do rio. Wittgenstein pergunta a Taylor a razão de tal acção e Taylor responde: “Estava a apontar-lhe uma coisa”²⁰. No entanto, o psicanalista tem outra opinião, nomeadamente que Taylor odiava Wittgenstein inconscientemente. No parágrafo que se segue Wittgenstein diz: “Ambas as explicações podem ser correctas. Quando diríamos nós que a explicação de Taylor era correcta? Quando ele nunca tivesse mostrado sentimentos inamistosos, quando um campanário e eu estivéssemos no seu campo de visão, e Taylor fosse conhecido por ser sincero. Mas, nas mesmas circunstâncias, a explicação do psicanalista também pode ser correcta. Existem aqui dois motivos – conscientes e inconscientes. Os jogos jogados com os dois motivos são completamente diferentes. As explicações podiam num certo sentido ser contraditórias e no

¹⁶ Aulas sobre estética, III, §15

¹⁷ Ibid.

¹⁸ Ibid.

¹⁹ Nota de rodapé ao §15, III, Aulas sobre estética

²⁰ Aulas sobre estética, III, §18

entanto ser ambas correctas.”²¹ No exemplo Wittgenstein fala de “jogos jogados com dois motivos”; motivos absolutamente claros e outros não tão óbvios. Gostava agora de omitir a referência que Wittgenstein faz a “conscientes e inconscientes” (que é no entanto muito importante na discussão que se segue a este parágrafo) e relacionar esta ideia de “jogos jogados com dois motivos” com o que Wittgenstein diz acerca de “Eu não sei” como novo elemento num jogo de linguagem. No exemplo, a hipótese do psicanalista pode estar correcta, e a sua alegação é precisamente acerca de algo que não é óbvio, como é pelo contrário a descrição de Taylor: “Estava a apontar-lhe uma coisa.”²² Wittgenstein não coloca sequer a questão se Taylor tem de facto mais autoridade sobre a sua acção, nem se pergunta se a melhor maneira de sabermos qual é a explicação certa é perguntar a Taylor, pelo contrário apenas afirma: “Ambas as explicações podem ser correctas.”²³ Em parte, a explicação está contida no exemplo anterior. Da mesma maneira que não existe no caso da estética um tipo de razão semelhante a um mecanismo, esse mesmo mecanismo não é substituído pelo seu suposto análogo na minha mente; a intenção. Isto quer dizer que o significado da acção de Taylor não é directamente derivado de um qualquer estado mental que este possa ter. A hipótese de que Taylor poderia ter a ‘chave’ para a nossa questão: “qual das explicações é a correcta”, resulta do facto de atribuímos ao suposto estado mental de Taylor o significado da sua acção. No entanto, não somos apenas nós que não poderíamos eventualmente ter acesso a tal estado mental, Taylor (neste sentido) também não o tem (que é um caso semelhante ao seguinte: “- Mas dizer que uma pessoa tem a percepção da minha expectativa, não tem qualquer sentido”²⁴). Aquilo que impossibilita Taylor de eventualmente ter acesso ao seu estado mental, é que Taylor não tem nada no sentido de ter análogo a possuir (como por exemplo em: “tenho um carro”). Ou seja, como afirma Wittgenstein em Zettel: “Aqui imagina-se o acto de significar como um apontar mental, uma indicação.”²⁵ No entanto, Taylor não tem ‘uma coisa’ para a qual pode apontar e da mesma maneira não pode comparar

²¹ Aulas sobre estética, III, §19

²² Aulas sobre estética, III, §18

²³ Ibid.

²⁴ Investigações Filosóficas, §453

²⁵ Zettel, §12

a sua acção com essa coisa, da mesma forma que alguém corrige um teste (que consiste em escrever os resultados para a tabuada do cinco) com a ‘folha de resultados’. Taylor não tem portanto nada que possa conhecer melhor por introspecção.²⁶ No caso de uma intenção, é estranho saber em que momentos esta introspecção poderia ser útil e em que momentos não. Dado que intenção não tem realmente uma duração²⁷, o que faz com que seja difícil para Taylor saber quando é que está a ter uma intenção. Em Zettel Wittgenstein faz uma pergunta que expõe o absurdo desta ideia: “»Tenho a intenção de viajar amanhã.«- Quando é que tens essa intenção? Durante todo o tempo; ou intermitentemente?”²⁸ Uma resposta a esta pergunta está fora de questão, e Wittgenstein completa a sequência deste argumento com a afirmação: “Pode-se interromper alguém que está a pensar, – mas a intencional? – A planear, sem dúvida. Também no cumprir de uma intenção, ou seja, pensar e agir.”²⁹ O interessante neste comentário é a possibilidade de se poder interromper alguém que cumpre uma intenção, e isto diz nos algo acerca da gramática do conceito de intenção. Aquilo a que chamamos intenção não é uma ‘sensação’ (e por isso não podemos falar de intenção como falamos de dor por exemplo) nem um estado mental em particular. Quando Wittgenstein define o cumprimento de uma intenção como ‘pensar’³⁰ ou ‘agir’ está a descrever este conceito como: “imerso na situação, nos costumes e nas instituições dos homens. Se não houvesse a técnica do jogo de xadrez, então também eu não podia intencional jogar uma partida de xadrez. O facto de eu ser capaz de falar português é que torna possível que eu, até certo ponto, intencione previamente a construção da frase.”³¹ Segue-se então, que eu só posso ter intenções relativas a determinadas situações e por isso “ter a intenção de me referir a ele” é

²⁶ P.M.S. Hacker comenta esta questão de que introspecção poderia ser útil nestes casos de uma forma que traz mais clareza à minha explicação: “One root of that misconception is epistemological. It is tempting to think that one knows what one expects by introspective observation of the process of expectation – expectation being conceived to be a phenomenal experience of which one can read what is expected. Hence one construes such mental processes or experiences as the source of intentionality”, P.M.S. Hacker, Wittgenstein, Mind and Will, 8

²⁷ “A Intenção não é nem uma emoção, estado de espírito, nem uma sensação ou uma imagem. Não é um estado de consciência. Não tem verdadeiramente duração”, Zettel, §45

²⁸ Zettel, §46

²⁹ Zettel, §50

³⁰ Pensar quer neste caso apenas dizer: “Pensar não é um processo incorporal que dá a falar vida e sentido, e que poderia separar-se daquele, tal como o diabo retirou do chão a sombra de Schlemiehl.”, Investigações Filosóficas, §339

³¹ Investigações Filosóficas, §337

“falar dele” e é desta forma que a ligação entre a minha intenção e “ele” é estabelecida; eu não preciso de apontar para ele (não é preciso apontar para nada; este problema está directamente relacionado com a concepção Augustiniana da linguagem).³² Voltando agora às Aulas sobre estética, é nos possível entender melhor a pergunta: “Quando diríamos nós que a explicação de Taylor era correcta?”³³, que nos leva a um segundo aspecto no exemplo com Taylor. No caso da estética, estamos já numa situação em particular, tal como Taylor estaria se estivesse no consultório do psicanalista. Aceitar estar nessa situação, é aceitar que: “a explicação do psicanalista também pode ser correcta.”³⁴ Um dos aspectos comuns a ambos os jogos é que há alguém que nos vai dar razões e justificações para determinadas acções ou objectos, que não se seguem (no sentido da multiplicação) necessariamente. Nestas condições, as intenções que eu possa ter em arte, que são muito importantes, são o dentro das possibilidades disponíveis nessa situação em particular (o seu significado depende das regras dessa prática que por sua vez são públicas³⁵), e os outros que estão na mesma situação sabem disso e podem entender a minha intenção (da mesma forma que eu posso). É importante neste caso opor ‘entender’ a ‘descobrir’ ou ‘acertar’. No caso de ‘entender’ trata-se apenas de dar uma justificação que seja aceite (“Temos de dar a explicação que é aceite. É para isso que se dá uma explicação”³⁶), que significa propor um determinado uso. Pelo contrário, no caso de ‘descobrir’ ou ‘acertar’ sugere-se que existe apenas uma resposta e a confusão que é necessário evitar é precisamente a de que há algo semelhante a uma ‘chave’; é por não haver uma ‘chave’ (que eu poderia tentar esconder de todos), que eu entendo as intenções de outros, e Wittgenstein faz um comentário acerca desta possibilidade que ajuda a esclarecer alguns aspectos. Em Zettel Wittgenstein afirma: “Eu posso, por exemplo, adivinhar qual a continuação que trará felicidade ao outro (talvez, pela sua cara). Só se poderia adivinhar o uso de

³² “»Referir-me a ele« quer apenas dizer: falar dele. E não: apontar para ele. Quando eu falo sobre ele, é estabelecida uma relação entre o que digo e ele, mas esta relação reside no uso daquilo que eu digo e não no acto de apontar.”, Zettel, §24

³³ Aulas sobre estética, III, §19

³⁴ Ibid.

³⁵ “Por isso «seguir a regra» é uma praxis”, Investigações Filosóficas, §202

³⁶ Aulas sobre estética, II, §39

uma regra, se fosse possível escolher entre vários usos”³⁷ Neste comentário, Wittgenstein está a falar de “adivinhar” o uso de uma regra, que considero ser um caso análogo a “adivinhar” uma intenção (tendo em conta a caracterização que fiz anteriormente de uma intenção como condicionada por uma determinada prática, na qual esta tem de estar ‘emersa’). Em primeiro lugar, é necessário explicar o uso que Wittgenstein está a fazer aqui de “adivinhar”. No parágrafo que antecede este, Wittgenstein diz o seguinte: “Adivinhar o significado de uma regra, perceber o seu significado intuitivamente, só pode querer dizer: Adivinhar o seu uso.”³⁸ O parágrafo conclui com “E não se devia falar aqui de adivinhar”³⁹ Ou seja, não se trata aqui de “adivinhar” no sentido de uma ‘adivinha’ que tem apenas uma solução. Este aspecto torna-se mais claro quando Wittgenstein dá no seu exemplo “a cara” que alguém pode fazer (neste caso de felicidade) em relação a um determinado uso como critério. No entanto, é o segundo aspecto do exemplo que é mais curioso. Wittgenstein diz que, num certo sentido, eu só posso “adivinhar” o uso de uma determinada regra, se puder escolher entre várias hipóteses. No caso da estética, eu não tenho nenhuma lista da qual possa escolher; quando anteriormente referi que uma determinada prática me condiciona não estou de forma alguma a sugerir que há uma ‘listagem’ de usos disponíveis, tal lista serviria de pouco (este ponto será esclarecido em mais detalhe). No caso da estética temos algo mais parecido com o que Wittgenstein diz na primeira parte do seu exemplo. Eu faço um determinado uso de uma regra, e os outros podem sorrir ou não.

Nas Aulas sobre estética, Wittgenstein aborda esta questão de uma forma que nos explica um aspecto importante do ‘jogo da estética’. O exemplo descreve o que Wittgenstein chama “duas escolas”⁴⁰ que representam duas opiniões diferentes acerca da pintura. A primeira afirma que: “O que importa são as manchas de cor”.⁴¹ A segunda afirma que: “O que importa é a expressão das caras.”⁴² Wittgenstein afirma que “num certo sentido as duas não se contradizem” e este sentido é o único que nos

³⁷ Zettel, §307

³⁸ Zettel, §306

³⁹ Ibid.

⁴⁰ Aulas sobre estética, IV, §10

⁴¹ Ibid.

⁴² Ibid.

importa aqui. O facto de ambas as escolas descritas não se contradizem está directamente relacionado com o que foi dito anteriormente acerca de a estética não ser de forma alguma análoga a um cálculo ou uma adivinha. No entanto, Wittgenstein faz outro comentário importante: “ «Esse sorriso com que transforma o sorriso bondoso num sorriso irónico não é uma diferença puramente visual» ”⁴³, mais abaixo Wittgenstein diz: “ [Suponham que dizem:] «Muda completamente a nossa atitude para com a imagem.» Pode ser absolutamente verdade. Como o exprimiríamos? Talvez pelo sorriso que fizéssemos.”⁴⁴ O que pretendo focar neste exemplo é que a importância das duas diferentes escolas, não está em oferecerem respostas que ‘resolvem’ um determinado ‘problema’ (só dessa forma é que faria sentido falar de contradição), mas antes em mudarem a nossa atitude perante uma determinada coisa (neste caso uma imagem). As diferenças que podem ser apontadas, não são como diz Wittgenstein “puramente visuais”, o que faz com que ‘as escolas’ revelem as suas próprias atitudes ao apontar as diferenças. Isto quer apenas dizer, que intenções em estética são importantes (intenções quer aqui dizer ‘perceber intenções’ como em: “O que ele queria era que nós prestássemos atenção a este detalhe; o resto é irrelevante” que podem mudar a nossa atitude perante um quadro por exemplo), precisamente porque podem ser entendidas; fazem parte do jogo. Fazer parte do jogo é mais importante do que possa parecer, porque em parte as afirmações que podem ser feitas em estética, são já manifestar uma atitude (e são muitas vezes semelhantes ao caso do ‘desconforto estético’, têm a forma de uma crítica).

Há no entanto uma questão que parece ser de difícil resolução. Eu posso alegar que não fui totalmente compreendido (um artista pode por exemplo alegar que tudo o que foi dito acerca da sua obra não é verdade). No entanto, não se trata aqui realmente de um problema. Em primeiro lugar, o critério para a ‘totalidade da compreensão’ é apenas ‘eu mesmo’, e aqui temos um problema semelhante ao de uma suposta linguagem privada. Ou seja, se eu acho que tenho ‘dentro’ da minha mente uma ‘coisa’ à qual me refiro ostensivamente, que ‘comparo’ com o que se passa ‘lá fora’, sendo esse o meu único critério, corro o risco de me ‘enganar’ (isto é, tudo

⁴³ Ibid.

⁴⁴ Ibid.

o que eu disser vale) e não há ninguém para me corrigir (este problema é análogo a: “E crer estar a seguir a regra não é seguir a regra”)⁴⁵. O que faz com que ninguém se possa interessar. Em segundo lugar, estou no jogo errado (Como um jogador de futebol num campo de basquetebol, que afirma que se quiser pode marcar um golo). Nos *Remarks on the Philosophy of Psychology*, Wittgenstein faz um comentário que está relacionado com este suposto problema: “A tune went through my head. Was it voluntary, or involuntary? It would be an answer to say: I could also have had it being sung to me inwardly. And how do I know that? Well, because I can ordinarily interrupt myself if I want to.”⁴⁶ Eu posso ter ideias (e aqui ‘ter ideias’ ou ‘ocorrer nos uma melodia’ não é algo que ‘anima’ a sua expressão)⁴⁷ que julgo não serem tão compreensíveis para outros como o são para mim⁴⁸ (como por exemplo: “I would like to say ‘This book is written to the glory of Good’, but nowadays that would be a chicanery, that is, it would not be rightly understood.”⁴⁹), mas nesse caso posso interromper-me. Se por um lado posso afirmar, como no exemplo de Wittgenstein, que certas ideias (ou melodias) me ‘passam pela cabeça’ involuntariamente, dificilmente posso fazer uma afirmação do mesmo tipo acerca da sua ‘apresentação’ ou de as ‘mostrar’ a outros. Por isso, se opto por “não me interromper”, resta-me apenas a possibilidade de tentar mostrar a minha atitude o melhor possível como por exemplo em: “It is not without reluctance that I offer the book to the public. The hands into which it will fall are for the most part not those in which I like to imagine it.”⁵⁰ No entanto, “mostrar a minha atitude” depende aqui precisamente de uma ideia, pelo menos neste caso, bem concebida de como poderei ser entendido e no caso de Wittgenstein a descrição é bem convincente: “May it soon – this is what I wish for it – be completely forgotten by the philosophical journalists & thus perhaps be kept for a more upright kind of reader. Only every so often does one of the sentences I am writing here

⁴⁵ *Investigações Filosóficas*, §202

⁴⁶ *Remarks on the Philosophy of Psychology*, §842

⁴⁷ “Quando eu penso por meio da linguagem, não se me apresenta ao espírito, além das expressões verbais, ainda também os seus «sentidos»; mas antes a linguagem é ela própria o veículo do pensamento”, *Investigações Filosóficas*, §329

⁴⁸ Estas ideias podem ser como a melodia no exemplo de Wittgenstein, podem-me surgir ‘intuitivamente’, um uso que reconheço como idiossincrático.

⁴⁹ *Philosophische Bemerkungen*, prefácio

⁵⁰ *Vermischte Bemerkungen*, Zum Vorwort zu *Philosophische Untersuchungen*, 1948, 75e

make a step forward; the rest are like the snipping of the barber's scissors, which he has to keep in motion so as to be able to make a cut with them at the right moment.”⁵¹ A possibilidade desta descrição é equivalente à esperança de que a minha crítica seja entendida (em maior ou menor grau)⁵² e não poderia ser de outra maneira (a não ser que eu ache que estou a fazer jogadas num jogo nunca antes jogado). Que ‘parte’ das minhas atitudes possa ser não necessariamente relacionada como o jogo que estou a jogar (como no caso da seguinte afirmação: “Isto espicçou a minha vaidade e foi-me moroso sossegá-la.”)⁵³, não quer dizer que não possam ser entendidas e não quer dizer que sejam precisas para outros poderem entender as outras ‘partes’.

Voltando agora às Aulas sobre estética e a propósito de atitudes Wittgenstein diz: “ «Descreveu mais ou menos a atitude. O que há que descrever é no entanto mais subtil.» Mas se descrevemos a atitude de um modo mais exacto, como saber-se se trata de uma coisa essencial para esta imagem – que isso deve estar sempre presente?”⁵⁴ No comentário, a importância da atitude parece se impor de uma forma em que nos dá a querer que estamos novamente à procura de uma ‘chave’. No entanto, a importância de uma atitude pode depender, como se pergunta Wittgenstein, da imagem (ou qualquer outra coisa para que se está a olhar), ou seja, a importância de uma atitude não é um tipo de constante. No parágrafo que se segue, Wittgenstein faz um comentário que afasta por completo a ideia de uma ‘chave’: “Não imaginem uma descrição que nunca ouviram, que descreve uma atitude com pormenores inéditos. De facto, não sabemos nada de tal atitude. Não temos nenhuma ideia de tal atitude.”⁵⁵ Ao vermos livres desta ideia, vemo-nos igualmente livres da ideia de que uma tal atitude poderia ter alguma utilidade para entendermos o quer que seja em estética. No mesmo parágrafo, Wittgenstein faz outro comentário importante: “Uma atitude é bastante bem descrita pela posição do corpo. É uma boa descrição. Será no entanto exacta? De certo modo é inexacta. «Mas

⁵¹ Ibid.

⁵² “Não é impossível que seja o destino deste trabalho, na sua escassez e nas trevas desta época, lançar luz num cérebro ou noutro; mas claro não é provável.”, Prefácio, *Investigações Filosóficas*

⁵³ Ibid.

⁵⁴ Aulas sobre estética, IV, §11

⁵⁵ Ibid.

se se conhecessem todas as sensações musculares poder-se-ia apontar apenas para aquelas que importam.» Não sei o que sejam e não sei com seria tal descrição. Não imaginem uma espécie imaginária de descrição, a respeito da qual não têm na realidade qualquer ideia. Se disserem ‘descrição de atitudes’ digam-nos o que entendem por descrição de atitude e então verão que a atitude importa. Algumas mudanças mudam a atitude – Dizemos: «está toda mudada»⁵⁶ O aspecto que gostava de realçar neste comentário, é a questão de uma “descrição mais exacta” de uma atitude ser algo semelhante a apontar para sensações musculares. A descrição de Wittgenstein mostra o absurdo desta ideia e não estranhamente, o exemplo envolve a ideia de “apontar para alguma coisa”. Uma atitude não é de forma alguma semelhante a este caso, e aqui “apontar apenas para aquelas que importam” é parecido com o que eu disse antes acerca de ‘partes’ em relação a atitudes. Não há ‘partes’; porque não há nada para dividir; eu pretendia com o meu exemplo apenas realçar que quando falamos de atitudes ou intenções não estamos a falar de objectos mentais que tem um significado que escorre como água desse objecto mental para dentro de uma outro objecto exterior. Num certo sentido, como diz Wittgenstein, as descrições que fazemos em estética de determinadas atitudes podem ser inexactas, mas esse sentido é análogo ao sentido em que as “duas escolas” (do exemplo do §10) estariam em contradição; esse sentido não interessa para o caso da estética. Aquilo que é importante numa atitude pode ser descrito (e estas são as descrições acerca das quais temos realmente uma qualquer ideia) e pode através dessa descrição mudar.

Gostava agora de voltar à ideia que mencionei no final do segundo capítulo, acerca de um jogo que tem “um elemento desconhecido”. Em Zettel, Wittgenstein inventa uma variante do Ténis em que o jogador tem de imaginar uma determinada coisa cada vez que faz uma jogada, sendo o objectivo desta regra dificultar o jogo. Wittgenstein começa por dizer que neste jogo seria muito fácil enganar os outros, mas ao sermos confrontados com o facto de que este jogo é apenas jogado por pessoas honestas, ficamos mais calmos em relação a este problema. Wittgenstein descreve três possíveis formas de conceber esta “jogada interior”. No final do parágrafo

⁵⁶ Aulas sobre estética, IV, §11

diz o seguinte: “Não se poderá descrever o jogo das três maneiras diferentes? Mesmo a descrição com o X »desconhecido« é uma descrição possível. Um homem diz, aquilo a que chamamos jogada »interior« não é comparável com uma jogada no sentido usual – o outro diz, que é comparável – o terceiro: é apenas comparável com uma acção, que acontece secretamente, e que ninguém pode conhecer para além do agente. O que nos importa aqui, é ver os perigos da expressão »jogada interior«. A expressão é perigosa, porque gera confusão”⁵⁷ Este comentário funciona como um exemplo de um jogo com “um elemento desconhecido”. Em primeiro lugar, em relação à possibilidade de verificar as jogadas deste jogo, restam-nos apenas as dificuldades que Wittgenstein notou acerca de honestidade. Por isso, Wittgenstein oferece três atitudes possíveis em relação a este elemento desconhecido e como podemos ver pelo seu exemplo, as três podem funcionar; não há aqui nenhuma contradição. Em segundo lugar, o elemento faz parte do jogo, há uma regra que o autoriza. Sendo assim, as três descrições possíveis do jogo atribuem diferentes valores a este elemento, umas podem fazer mais sentido numas alturas, outras podem fazer mais sentido noutras alturas. No entanto, Wittgenstein adverte no final do parágrafo para a confusão que “jogada interior” pode causar. Aqui temos de pensar que ‘jogada interior’ não significa “um cristal que trago dentro da minha mente” e que: “Eu posso procurar uma coisa quando ela não está presente, mas não posso pendurá-la quando ela não está presente.”⁵⁸

⁵⁷ Zettel, §649

⁵⁸ Investigações Filosóficas, §462

